

ECOS

Pequeno experimento cênico

Uarlen Becker

SALVADOR

2006

ECOS

Uarlen Becker

Uma mesa posta. Cadeira de rodas. Pessoas como bonecos.

Entende? Precisa se recuperar da derrota. Que derrota? Que derrota? Os técnicos diriam que nada acontece nessa torre alta de desespero. Olho ao meu redor e o que vejo? Nem queria ver. Olho ao meu redor e o que vejo? Nem queria ver. Mas como fechar os olhos?

Um tiro.

Sim, um tiro!

Um tiro bastaria para me antepor aos sobressaltos.

Antes era a quimera. A quimera dos ouvidos impróprios a escutar os clamores totais das almas desgarradas de suas vidas apalavradas e toscas. E eu aqui imóvel como o tijolo lá recalcado na parede.

Parece que vai levantar-se. Um espasmo, um longo silêncio.

Olha você não vê? Ou você vê e não olha que tudo está no fim. Meu desejo intermitente de morrer é tão covarde quanto teus olhos doces. Minhas lágrimas secaram ao vento de minha alma inconstante. Já não sinto o peso da desmedida e da vitória vã.

Ontem escutei os ecos retumbantes da história repetitiva e retrógrada. Senti a náusea peremptória. Ainda hoje sinto em minha pele o desejo de Deus de companhia e satisfação pela alegria duradoura. Mas quem disse que a alegria não é piegas? Ainda

ontem sentia em meus olhos doentes do nascimento o pavor da vida arcaica que levaria nesses minutos parcos e...

Um espasmo. Pausa longa. Tenta ficar de pé, num movimento quase imperceptível e que causa grande dor pelo esforço. Pausa longa, longo silêncio.

Já pensou? Uma vitória. E esses minutos parcos e arcaicos. Não cessam de promover uma repetição estúpida quando daquele estupro aviltante.

Aquele estupro aviltante?

Sim, diria a velha que sentia desejos incontroláveis.

Desejos incontroláveis de dar ao primeiro.

Ao primeiro que aparecesse.

Que aparecesse em sua frente quase invisível.

Invisível, ela pensava frente ao espelho enegrecido.

Enegrecido como os tempos vividos.

Agora. Que o herói em mim jaz esmaecido num retrato, escondido no final da gaveta marrom e empoeirada. Esse desejo de romper. De romper com as cláusulas intermináveis do contrato da vida!

Ainda ontem. Ainda ontem o em vão. Os dentes que rangem tortos e moribundos. O sono eterno de olhos abertos. Quantos naquela rua clara e límpida. Na rua clara e límpida quantos procuram um amor disfarçado de foda para preencher as lacunas que não se preenchem espontaneamente.

Chega o soldado.

Soldado mandado.

Que vê a menina, que já não é mais tão inocente.

Que precisa de um pão em seus dias ávidos.

Esses dias tão ávidos.

Tenta levantar-se. Um espasmo. Olha ao redor.

E esse silêncio retumbante.

Silêncio e trevas.

A menina que dá para o soldado o tesouro que
Já não tem.

A última gota de sua gritante nostalgia.

É tão grosso o soldado.

Não o que lhe entra pelas pernas, mas seu hálito.

E seu olhar penetrante.

A mãe no desvão ao lado.

Já não chora e nem se resigna.

Receberá os louros.

Da loura desgraça da filha.

E essa vontade de desistir. De deitar ao sol e penetrar em sua ampla luminosidade e calor. De me perder na amplitude do céu tão azul. Essa vontade una de desistir. De tudo jogar pra trás. Essa sensação de vazio e amargo no coração, na boca, nas mãos, nos ouvidos e na cabeça.

Que resposta darei?

Que resposta darei a essas pessoas que me fitam?

Que me fitam desejosos.

Desejosos de um sentido para suas existências vãs.

Vãs por essa necessidade incessante.

Que não cessa por causa da dor.

A dor que não sabemos.

Eu sei. Agora. De muito tempo já. Não sinto mais aquela pena sublime do velho e da criança na calçada. As unhas sujas. Os dentes podres. Os cabelos sebertos. A criança e seu olhar duro. Não desiste porque não pensa. O cérebro também sujo e podre. Sem os pensamentos ímpios. Tento dar um passo. Um passo basta para o avanço da humanidade. Mas não consigo. Imóvel que estou nessa amplitude. Nesse contíguo tempo e espaço imutável. Eles me olham e me fitam. Esperam por mim e eu espero por eles. Esperamos uns pelos outros. Mas o que farei por eles e eles por mim? Estão absortos congelados à espera não de um milagre, mas de algo mais, mais duradouro e sensível. De algo além das fronteiras do indizível! Eu imóvel sei que eles me fitam, antevejo seus pequenos gestos imperceptíveis.

Ainda ontem. Ainda ontem me vi empertigado diante da autoridade. A autoridade das mil e uma falcatruas. As falcatruas lhe tiram a autoridade para desistir. Desistir de tudo. Dos pensamentos das falcatruas e de suas mesas postas, das insígnias e dos notáveis doutos impregnados com as empáfias do mundo todo. Tento levantar-me e dar um passo adiante, mas a clarividência da minha cegueira me impede de desistir da vã tentativa de caminhar. Aquela tenacidade dos vencedores, minimamente tecida em grandes e portentosos detalhes. Aquela aprimorada compreensão da realidade. Da sua realidade. Porque até isso é cansativo e nauseante: a multiplicidade de realidades. A sua, a nossa e a minha. E a A!

Um espasmo. Tenta erguer-se. Quase imperceptível, mas com grande esforço.

Aí me deito e durmo, mas não me desligo dos pensamentos maléficos da compreensão da realidade e seus mistérios arquejantes. Aí retorno aos pensamentos. Todos os pensamentos que provém do anoitecer da alma obscura. Mas como eu pude? Amar em tão grande tempo? Um amor tão grande e obscuro como todos os sentimentos advindos do fundo do coração. E os corações duros e fudidos como as estórias dos ilustres anônimos.

Que transitam pelas ruas acaloradas.

Acaloradas e cheirando a elementos podres.

Podres pela não-salvação de seus corpos.

Corpos tristes e sedentos dos espasmos do amor.

Uma vez andando por uma folgada rua e deserta de almas eu vi um mendigo perebento e putrefato como todos os outros seres que por ali caminharam em todos aqueles séculos de clara escuridão uma lânguida e pálida idéia de um homem que tinha sido violentado por outros homens por amor ao seu relógio sem pedras incrustadas nos ponteiro esse homem que não era inocente nem nada pois tinha vindo de uma jogatina onde tinha vendido a esposa e os filhos esse homem levou um soco que lhe arrebentou o nariz que começou a sangrar a sangrar tanto que o impediu de respirar e antes que ele abrisse a boca para respirar os homens desferiram um soco tão forte que lhe quebrou todos os dentes em seguida tiraram sua roupa e o deixaram nu por horas a fio até que chegou alguém e o socorreu até que chegou desesperada com aquela cena uma velhinha

que morava no prédio em frente uma velhinha de oitavo andar com sua dentadura nova lhe ofereceu ajuda mas ele aceitou tendo aquele pensamento maléfico de que poderia descontar aquilo tudo nela ora ali tão indefesa e arquejante com seus avermelhados olhos cobertos por aquela nuvenzinha que acoberta os olhos dos velhos sua vontade real foi puxar a velha pelo braço e joga-la no chão e chutar sua barriga e sua bunda e estupra-la ali mesmo mas ele pensou que trabalho isso iria me dar então agradeceu a ajuda e saiu rapidamente pegou uma folha de jornal que voava cobriu-se e correu para um beco escuro tão escuro quanto seus pensamento e sua alma aquela alma suja não tão suja como seus pensamento mais sujos que fediam tanto mas tanto!

*De maneira quase imperceptível os outros atores se mexem em direção ao
falante.*

Que me restou?

Que me restou?

Que me restou?

Senão os degraus

Degraus

Que me levam

Ao fundo

Dessa minha nova

Que se renova

Inalteradamente

renovada

Existência!

Ela era aquela que abria as pernas e mostrava seu sexo vermelho e ausente de pêlos, aquela buceta cor de carne e tão desejada que todos pagassem os altos preços para ter o brilho daquela visão humana tão humana!

*Com muito esforço consegue levar a cadeira de rodas até um pouco a frente
mais perto dos espectadores.*

Ela tinha aqueles cabelos loiros negros vermelhos assim com aquelas tintas misturadas mostrando seus resquícios abrindo e fechando as pernas ao som dos Rolling Stones ele dizia que assim ficava mais sensual então ele começava a passar seu batom negro borrando-se todo em busca daquele amor perdido em busca daquele amor perdido em busca daquele amor já perdido já perdido aquele amor que ele nunca encontrou e que nem ele mesmo sabia o que era se era amor ou se era outra coisa qualquer, mas ele percebia que o que queria mesmo era deitar a cabeça no colo de alguém e chora chorar tão largamente que os oceanos não caberiam sua lágrimas chorar pelo que era e pelo que não foi então ele pediu o que sempre pedi que ela enfiasse os três dedos e depois dos três dedos a prótese cabeluda que lhe daria alívio de todas as tensões ele já vestido de mulher e aquela linda mulher lhe introduzindo a prótese grande grossa e cabeluda pois ele não saberia dizer se queria que um homem lhe currasse ou um porco tanto faz ele queria uma sensação que o fizesse se sentir vivo em toda a plenitude da vida e aquele homem espreitava pela porta entreaberta do vão em que ninguém podia entrar esperando que ela terminasse o serviço para recolher a grana vil pois ele acreditava que toda grana era vil então ele estava livre explorando e sendo explorado por si próprio enquanto que ao mesmo tempo ele explorava os explorados que apareciam na TV explorando sendo explorados ao mesmo tempo em que exploravam um pouquinho mais os explorados aquele homem era eu.

Era eu.

Era eu.

Era eu.

Que descia aqueles degraus

De minha existência

Nada dura

Mas também nada suave

Pois sabia que existia

O reverso da moeda.

Mas não imaginei que depois de ver tantas mulheres abrindo as pernas para uma pequena sobrevivência eu me tornava o menor deles e daqui

Posso

Ver

Os degraus

Que me levarão àquele...
Sem ao menos ter experimentado o colo tão materno a me embalar daqui já antevejo os
degraus que me levarão

àquele

triste

e grandioso

fim.